



Miguel Carneiro

TRANCELIM DOS INCRÉDULOS

o arquivo de
Renato Suttana

http://www.arquivors.com/miguel_trancelim.pdf

2010

(Esta edição reproduz o texto original,
publicado pela editora Virtualboks em 2009)

Capa: Xilogravura de J. Borges (Bezerros – Pernambuco)

Copyright © **Miguel Carneiro, 2009**

Com gratidão, ao parlamentar baiano
Dr. João Emílio de Oliveira Souza,
pela confiança depositada em mim como seu secretário particular.

"Não sei palavras dúbias. Meu sermão
Chama ao lobo verdugo e ao cordeiro irmão.

Com duas mãos fraternas, cúmplice
A ilha prometida à proa do navio.

A posse é-me aventura sem sentido.
Só compreendo o pão se dividido.

Não brinco de Juiz, não me disfarço em réu.
Aceito meu inferno, mas falo do meu céu."

In Poética
José Paulo Paes (1926 – 1998)
Epigramas, São Paulo: Cultrix, 1961

PREFÁCIO

MIGUEL CARNEIRO ACENANDO PARA O MUNDO

Por Gustavo Felicíssimo

O ideal de uma crítica literária é que o seu autor tenha a devida isenção e o distanciamento emocional necessários para imprimir um texto sem adjetivações supérfluas, como quase todos são. Entretanto, no caso presente, em que pese nossos esforços, essa é uma tarefa árdua, pois a obra sobre a qual nos debruçamos é a de um grande amigo, um homem bom, dono de um coração sem tamanho, mas, sobretudo, um escritor que goza da nossa admiração, seja como poeta ou contista.

Algum tempo corre ao vento, à brisa dos dias, ao avançar das horas, desde aquele dia em que o saudoso amigo Zeca de Magalhães, dono de um discernimento crítico respeitável, apresentou-me um conto de Miguel Carneiro, dizendo que aquele seria um dos melhores contos feitos por um autor baiano durante o último quartel do Século XX. Tratava-se de “No viés do franzido”, que publicamos na derradeira edição do tablóide literário SOPA, em junho de 2006. Fora uma grande descoberta para mim, pois até então apenas conhecia a obra poética de Miguel Carneiro, da qual sempre fui admirador e divulgador de um poema em especial, “Declaração de princípios”, cujo ápice está contido neste refrão: *Eu sou madeira de dar em doido/ sou barro bom de alvenaria/ martelo prumo e serrote/ sou poeta da Bahia*. Tal poema faz parte de um livro, exclusivíssimo, feito de maneira artesanal, como alguns de João Cabral de Melo Neto, com tiragem de apenas dez exemplares, distribuídos para alguns familiares e amigos do autor. Após, dediquei-me a conhecer melhor a sua contística e me deparei com uma obra grandiosa, não pela quantidade de livros publicados, mas pela qualidade do seu texto que vem carregado de um grande sentimento de mundo, enfeitado de humanismo, em linguagem concisa e cortante.

Lembro-me de ter lido “O diabo em desordem”, um livro de quase duzentas páginas, em apenas uma sentada; depois seguiram-se “Esconso e outras histórias” e “O coronel já não manda mais no trecho”. Em todos esses livros, o que percebemos claramente é que o poeta, em momento algum, está dissociado do contista. Pelo contrário, um está amalgamado ao outro, complementando-se, indissociáveis. Outra característica das obras citadas é o fato de suas histórias estarem, na maioria das vezes, situadas dentro do universo sertanejo, que Miguelito traz no sangue.

De Riachão do Jacuípe para o mundo, cantando sua aldeia, Miguel Carneiro vai escrevendo sua obra, resumindo um cabedal imaginário que emerge de suas lembranças e convivas do autor, transformadas em personagens. Desse modo, andando pelas ruas de Riachão, imaginamos ser possível, a qualquer momento, topar com Gumercindo Lélis, filho deserdado de Antônio Conselheiro, ou com a menina de Duestano, transformada em esposa do coronel Trazíbulo Fernandes da Cunha, personagens de Miguel Carneiro. Personagens e histórias que nos parecem pertencer ao

imaginário popular do lugar, como se passadas oralmente, de geração a geração, até encontrarem em Miguel Carneiro o interlocutor ideal, da mesma forma que o folclore alemão encontrou a excelência do texto dos irmãos Grimm.

“Trancelim dos incrédulos” segue o mesmo itinerário das obras citadas até aqui, apresentando-nos personagens tão vivos e cheios de alma, como no conto que dá título ao livro, cuja personagem, um vaqueiro corajoso, doca de um olho, sendo que o outro apenas serve *“para enxergar o que já está anuviado”*, mas que, no entanto, havia corrido mundo *“atrás de samba para vadiar”*. O conto corre em tom poético, com o narrador, oculto, contando suas proezas na região da Serra da Guariba, suas leituras para o doutor que viera de longe *“buscar um palavrório”*. Temente a Deus, homem honrado, leva *“nos peitos esta vida vã...”*

O segundo conto deste livro é “O galo de ouro”, traz como epígrafe o poema “Pedra retorcida”, de João de Moraes Filho, cujo excerto que escolhemos corre desta forma: *“Aquela porta que hesitei abrir/ largou mão de sua fronteira/ e deu lugar a janelas/ que me assombram pacientes,/ até que o frio as feche novamente”*, ofertando ao leitor uma espécie de preâmbulo ao mistério em que está envolto este conto, repleto de enigmas, segredos e mortes de aventureiros que descambam no mundo em busca de uma *joia rara da ourivesaria que teria sido trazida de Lisboa na nau do fidalgo e capitão-mor Pedro Álvares Cabral*. Mais, não nos cabe dizer.

O derradeiro conto do livro é “Naquele dia eu vi o diabo de perto”, onde Miguel Carneiro nos oferece uma narrativa urbana, ambientada na invasão das tropas de Hitler à França, mesclando realidade e ficção, prosa e poesia, marcas indeléveis do autor. Na voz de um poeta brasileiro, comunista, o conto vai retratando o caos que vivia Paris (onde Miguel viveu algum tempo) naqueles dias, o drama dos judeus e também a difícil missão do poeta: proteger um menino de sete anos, perdido em meio ao caos.

De certo, fica-nos a confiança de que, ao considerar a tradição oral do seu povo, a contística de Miguel Carneiro fundamenta-se na identidade cultural e social de sua gente, registrando a história e suas personagens, merecendo da gente do seu chão, autoridades e crítica não apenas reconhecimento, mas também um justo e demorado aplauso. Ao mesmo tempo, estamos certos de que a reunião dos melhores contos de Miguel Carneiro em um único livro seria capaz de alçar seu nome ao mesmo patamar dos melhores contistas do nosso tempo.

Gustavo Felicíssimo é natural de Marília, interior de São Paulo. Está radicado na Bahia desde 1993. É poeta, pesquisador e ensaísta.

TRANCELIM DOS INCRÉDULOS

Para minha filha Laura Benevides Carneiro,
que me ensinou a ver o mundo com outros olhos.
A Netinha Benevides,
minha companheira de bonança e tempestades.

Quem zanzou pelo mundo sabe que conversa demais dá canseira. Fica-se com o tímpano estourado, abusado de sua própria falotria. Conheci muitos neste mundo de meu Deus que fizeram da palavra pedra de lima para amolar facas; outros que fizeram do verbo aquilo que Nosso Senhor não ensinou em suas parábolas, traíram portanto o Evangelho. Há de tudo nesse descampado: aquele do badalo que não para, o abusão, o outro da aporrinhção no pé ouvido... Sabe duma coisa, moço? Conversa muita só faz boi dormir... Palavras, palavras ditas ao vento, Ele toma o direito de colocar no redemoinho das lembranças, nunca volta mais! Retorna nos sonhos ou talvez se perca no côncavo da abóboda celeste, ecoando desgraçadamente contra quem as proferiu. O Salvador sabe o que faz com a profanação.

Moro neste Morro da Guariba, nesta Serra do Tempo, perto de Deus, longe dos homens há setenta e sete anos. Testemunhei cascavel comer rã sem nenhum alvoroço... tempos de muito angu sem caroço... tempos de fome batendo na tampa da casa... tempos de desgraça.

O doutor veio de longe, é certo; veio aqui em meu rancho buscar um palavrório, mas nada de novo vos conto. Sou deste jeito mesmo que vosmecê enxerga, sem tirar o cisco do meu próprio olho. Pois doca sou, de um. O outro só tenho para enxergar o que já tá anuviado. Foi na quadra de 54, manhécença do dia, eu e quatro companheiros: Roque de Ely, Faustino de Bibizinha, Aurélio das Abóboras, Hugo Gordiano. Éramos, na verdade do fato, cinco vaqueiros encourados. No pegar das rédeas, não passava um berro de bezerro onde a gente não pudesse achar naquele oco de caatinga perdida. Entramos no fechado, aquele chão onde filho berra e mãe não ouve, no Pindorama a mando do coronel João Souza e seu bailado, dois metros de altura naquele andar peculiar que nos intimou a buscar uma rês perdida há três anos, vivendo solta, só berrando de longe para intimidar o próprio dono, tresmalhada. Vaqueiro nenhum tinha botado laço. Foi nessa empreitada, seu moço, que perdi meu olho

esquerdo. Me lembro que não havia canto de galos, o sereno descia como chuva e entramos na escuridão. Parecia como catar uma agulha no palheiro. Dessa empreitada nunca esqueço. Depois de labutar duas léguas, achei a desgraçada debaixo dum pé de jurema. E na carreira que eu vinha, no graveto do pau meu olho ficou. Os companheiros vinham por detrás. Voltei. Peguei meu olho no espinho, coloquei no lugar, o sangue pingando no jibão, mas minha mão estava agarrada ao rabo da rês. Quando chegamos ao terreiro, por volta das seis da manhã, a tresmalhada no laço, eu já não enxergava mais de um olho. Dor? Nunca senti, nem na hora que perdi a visão. Dor eu sinto hoje de ver este mundo de desavença. De colocar em minha mesa, sentado junto ao meu povo, aquele que um dia irá me trair. Quem trai carrega a bolsa de Judas Iscariotes e suas 30 moedas de prata. Alguém disse pra mim: “*Guardo meus amigos como os avaros seus tesouros, porque, de todas as coisas que a sabedoria nos oferece, nenhuma é maior ou melhor do que a amizade*”.¹

Encontrar um verdadeiro amigo, só o tempo para nos mostrar. Da primeira vez que eles surgem são como cordeirinhos lãzudos e indefesos, depois mostram as garras de lobo, como nas fábulas. Tudo é muito igual, nada difere da fantasia. São cortesões, nos empanurram de presentes, depois nos apunhalam pelas costas. Prefiro viver neste taco de terra, longe, para me proteger do riso fácil, da chacota e das armações. Nunca roubei, este crime ignóbil não levo pra cova. Gente muito lutrida é sinal de falsidade. E quem abre as asas demais apanha o que não deve. Sou assim mesmo, moço, desconfiado de quem me saúda sem me conhecer. Carrego a minha própria cruz para o meu Gólgota. Há dias que fico daqui de cima apreciando o anoitecer. Surgem as estrelas e a lua nova iluminando o mourão da porteira. Numa destas noites, tinha acabado de rezar a Ave Maria quando vejo que pela malhada vem alguém montado num cavalo. Esperei a visita sentado, pensando tratar-se de um companheiro atrás dum adjutório. Tirou a argola da cancela e eu vi a mesma bater com a força de uma tempestade. Me levantei do banco de taipoca, pus o fifó pra alumiar o terreiro. E o vulto do cavaleiro desapareceu. Não houve o desaparecimento do tal vaqueiro. Me benzi e entreguei esta alma perdida a Deus. O que ele queria comigo, não imagino o que seria o seu pedido. Nunca me prestei a ser pau de resposta, ser palmatória do mundo. Vivo com meus bichos, sem botar olho no rebanho de ninguém. Na minha casa tem um galo para me acordar, três marrãs, um pai de chiqueiro, uma semente de boi turino, três vacas e a minha solidão. Que importa isso hoje para o mundo? Não me diga nada, de palavras bonitas o mundo tá cheio.

As bibliotecas estão repletas de livros que um homem só em toda a sua vida não poderá jamais ler. Estão em gavetas, e nelas ficaremos depois de partir. De nós restará o pó de nossos ossos, e nossa alma buscando a porta do céu. Será que nos deixarão passar? Acredito pouco, há ainda muito infame no mundo. Mas pela minha fé alcançarei a porta. Sabe o que é pau mandado, muitos nesta vida tomam este papel. Na picada que vai para o povoado, na altura da Encruzilhada da Cutilada ouve-se, em noite de lua cheia, um aboio lamentoso, de cortar o coração do cristão. Aboio que se ouve nos paus, lonjuras... Os antigos dizem ser o vaqueiro Gedeão que morreu apaixonado pelo seu rebanho na seca de 61.

O aboio toma conta da caatinga como um lamento, a gente se arrupia de ouvir o morto aboiar. Nesta vida dá de tudo, do bom que logo o povo esquece e do ruim que a fama nunca acaba. Por entre estas montanhas corre o riacho Camizãozinho,

¹ Aretino, Pietro. Pseudônimo de Francesco Accolti, escritor italiano nascido em 1492 e morto em 1556.

aguinha fria, boa de beber e tomar um banho, corre tão limpo que a gente enxerga as piabas de olho arregalado olhando pra gente, mas há gente mal encarada que mais parece o capeta de saia, gente de olhar enviesado no que é dos outros, gente desavergonhada. Há de tudo por estas bandas. Eu cá do meu canto vejo o passar dessa gente e faço boca de riso porque um dia cairá na esparrela. Deus é justo e para Deus não se mente. Deus vê e ouve tudo, está em todos os lugares. Os falsos só enganam por uma temporada, não a vida inteira. Já zanzei muito pela Serra da Tromba, Morro do Pensamento, Morro do Piloto, atrás de samba para vadiar. Tinha Izidro das Pedrinhas, que sambava como um bamba, tem Manezinho de Izaías, Antonho Anjo, Viana, Maria Biscoito, Maria do Carmo, Gabriel, Manoel Tratorista, que não deixavam o samba acabar. Lá pela praça Dr. Abelard Rodrigues dos Santos, em Lagoa das Picas, tinha o samba de Zuquinha Grande, avô de Fernando de Fabinho, esse que é deputado federal. O samba começava na boca da noite e só parava ao cantar do galo. Pandeiro, cabaça e viola. E a canjebrina no centro. Certa feita, Cafum, saiu com essa:

*Zuquinha, me diga por favor,
Já que está com todo fervor
Setenta tarefas de capim
Se assim lhe pareceu
Quantos pés de capim nasceu?*

Sem perder o rebolado do remelê-xê-ó-xô, Zuquinha respondeu na tampa:

*Setenta tarefas de capim
Tem o capim que nasceu
Argum pézinho que fartá
Foi tua mãe que comeu*

Já zanzei por samba que a memória não dá conta. Andrade, o escurinho, que trabalha com Hamilton do Ichu, tá aí para dar a prova. Samba que fui que, de tão bêbado, até a mula eu vendi para um cigano quando eu voltava da cantoria. Pros lados da fazenda de Dr. Rômulo, pai de Hugo Gordiano, numa noite de lua nova, encontrei pelos caminhos do Cedro o baita daquele gajão. Ele vinha com uma tropa de burros, e me indagou se eu não vendia a minha mula em que vinha montado. Tinha até estima, pois a bichinha era de picado. Desapeei e ali, no meio do breu, vendi a bicha. Tava eu e meu cachorro Mike Tyson, nome que botei em homenagem a esse americano que foi um herói no ringue do boxe. Peguei o dinheiro do cigano e saí zanzando pela estrada até chegar em Lagoa das Picas. Nessa noite passei das contas quando me joguei num carro Pampa de Hugo Gordiano, de volta para minha casa, na Serra da Guariba, onde tinha esquecido o cachorro no bar. Nunca mais vi falar desse companheirinho meu, e assim foram sendo minhas perdas, que foram deixando meu coração tofranado. A pior coisa do mundo é lidar com molambo e dever pelanca a gato.

De que adianta eu lhe dizer meu nome, ó moço? Em que isto mudaria o mundo? Sou apenas um vaqueiro velho de mãos calejadas pelo punho da rédea de meu cavalo. Às vezes me dá vontade de abrir uma lata de sardinha Coqueiro e lascar o cu com a lata. Mas ficaria de cu lascado e ainda devendo. Quenga e gerente de banco

não têm alma, são uma mesma laia, gostam de uma coisa só: do vil metal. Eu sou o sujeito mais besta nesta beira de trecho. Tenho coração mole, pena de tudo, até de ver um passarinho sofrer. Quando eu abro as guardas, eles me apunhalam nas esquinas das pinguelas, e assim vou vivendo debaixo deste sol que um dia deixarei de enxergar. No nosso meio, o povo é manso, devoto das procissões e dos santos. Vosmecê não vê um por este trecho que venha arrojado, logo ele se ferra e Deus chama pra perto de si; nesta região, moço, o povo já nasce solidário por causa da própria miséria. São uns ajudando os outros, nas batatas de feijão, na ferração do gado.... Ninguém por aqui cruza os braços para acudir o outro, diferente do samba de roda de Véio da Lagoa da Camisa, em Feira de Santana, que canta assim:

*A Bahia pegou fogo
Me chamaram pra apagar
Eu não vou apagar fogo
Eu não tenho parente lá
Junta pedra miúda
Pra licuri pra quebrar
Junta pedra ô ê
Junta pedra ô ah!*

Zé da Anunciação foi um vaqueiro respeitado em nosso meio. Morava no Morro da Cabeça do Tempo e já contava com a mesma idade minha, já estava velho, tinha amarrado o buzo, mas quem faz o errado aqui mesmo paga. Chegou para o povoado uma mocinha professora que o governo botou pra ensinar às crianças. Todo dia ele se dirigia ao povoado e avistava de longe essa moça que tinha idade de ser filha dele. Zé da Anunciação arriou os pneus por essa criatura. Passou a cortejá-la, a fazer poemas, a lhe mandar loas por recado. Se apaixonou pela professorinha de uma hora para outra. E a mulher dele dentro de casa, inocente. Ele rejeitando-a na cama, tratando com brutalidade. A paixão foi tomando corpo e se instaurou em definitivo no coração do vaqueiro. Um dia, ele veio ao povoado e chegou na venda de Tertinho de Laizinha de Terto, comprou um pacote de formicida Tatu e levou pra casa. No outro dia, ele preparou o café para a esposa, coisa que ele nunca tinha feito enquanto viveram juntos. E na xícara destinada à mulher ele colocou uma colher do veneno para botar os pentelhos para cima. Assucedo que a esposa, de tão inocente que estava com aquela gentileza, e o dia amanhecia de sol claro, encalorado, mudou de lugar na mesa para ficar mais perto da janela, que dava para o oitão da casa, mudando também as posições das xícaras. Ele voltou com a água e se sentou para tomarem o café com beiju. Só foi uma golada daquelas de quem tá com sede.

Ele crente que mataria a esposa e ficaria com a professorinha, quem caiu morto foi ele com a própria arapuca que armou. A vida tem mistérios, ninguém enxerga Deus, mas Ele enxerga a gente. Quem pisa no errado traça seu próprio destino que o leva ao Rio Estige. Já vi muito companheiro na primeira estiagem, quando a comida do gado acaba e vai cortar mandacaru pra dar pros bichinhos, e quando o facheiro acaba, pega o taco de terra, vende e pega a pista de Sum Palo. Não tem paciência com os desígnios de Deus, se apoquento e se pica. Num tá me vendo? Pelo que eu já vivi, sei que nem todo ano é bom. Há sinais no céu, porinquantalmente, na lua que mostra se o ano vai ser de fartura ou de seca. Quem não se prepara toma no sedém.

Quem anda neste meio não deve matar uma flor. Não se deve botar roçado para derrubar a caatinga toda, que a resposta vem igual a telegrama. A chuva some. Há esses rebanhos de bestas derrubando os paus para plantar sisal. Pensando que sisal é boa coisa. É o broto do cão! Isto só presta pra o deserto dos mexicanos, não para terras baianas. O tempo muda, a chuva some e o gado morre. É pra que sisal presta. Presta mais para quem compra, não para quem planta. Tamo nesta quadra de sofrimento porque derrubaram as caatingas todas e meteram sisal pra dentro, pensando os sabidos que iam ganhar muito dinheiro. Hoje, neste meio, a natureza mudou por conta das plantações de sisal. As trovoadas não vêm mais no tempo certo e a cada ano que passa a caatinga vai ficando parecida como o deserto de Saara. Quem tem punho e coragem aguenta a quadra e quem é mofino trata logo de correr trecho. Nasci aqui, aqui morro. Deus sabe o que faz com os justos. Nunca fui de briga e dela eu corro um eito. Sou de voz mansa, parecendo freira de convento. Sou ordeiro. Abomino rinhas de galo, nunca em minha casa botei giro.

Crueldade eu acho botar galo em rinha ou canário em gaiola para brigar. Quando vejo um galo na mão de seu dono e o animal de esporão metálico para matar o outro, noto que por trás de seus donos há um ódio do mundo, são covardes, botam os bichinhos para um sangrar o outro até a briga acabar. Galos são feitos para ficar nas torres das igrejas marcando o tempo, jamais para se digladiarem como os romanos que entregavam os cristãos aos leões. Nada de cristas ensanguentadas, cutiladas no pescoço até matar. Não vim a este mundo para assistir a espetáculos de tortura. Deixa o bichinho quieto, no alto do pau, anunciando as horas, para que tanta crueldade contra os viventes? O senhor de certo tá aí doido pra perguntar alguma coisa. Veio de longe, atrás deste vaqueiro sem nome. No tempo em que o capitão Virgulino Ferreira tomou patente, eu quis me engajar em seu bando. Corri atrás de um coiteiro que me desse pista pra eu me avistar com o Capitão. Eu ainda era moço, cheio de ideais, sangue no olho, bom na pontaria do mosquetão. Dava meus tiros aqui pela caatinga, matando pato do mato, e de repente quis ir pro bando. Fui traído por aquele coiteiro. Me pediu dinheiro adiantado, vendi umas cabeças de gado e entreguei a ruma ao desgraçado, pensando que ele tinha contato com o Capitão. Foi naquele tempo em que a gente confiava na palavra dada. Hoje em dia, nem reconhecendo a firma no cartório a palavra vale alguma coisa, quanto mais quando se diz da boca pra fora.

Estamos numa quadra de desassossego, nada vale mais nada, o que impera é a lei do trabuco, do ferro. E quem pisar na bola se machuca, sai de maca ou vai parar na interminável fila do desgraçado desse tal SUS. Hoje se morre como passarinho e se vive de um sopro. É necessário humildade, grandeza demais assusta até a Deus. Nesta idade que tô já testemunhei daqui de meu canto, nesta Serra da Guariba, muito morto voltar pra pedir perdão pelos feitos particados aqui na terra. Se eu contar, vosmecê vai dizer que tô transvaliando. Sou do tempo, seu moço, que o morto vinha em sonho mostrar onde estava o dinheiro enterrado, pra lá por cima ele se livrar desse crime odioso. Hoje me aparece na boca da noite muitas visagens que um dia só não daria para contar pro senhor o que se assucedede.

Numa Sexta-Feira da Paixão, eu não tinha apartado o gado na véspera e quatro da manhã não me levantei para ir para o curral tirar o leite das vacas. É coisa dos antigos que no dia da crucificação do Altíssimo não se tira leite, pois das tetas das bichinhas só sai sangue. É dia de respeito, dia de jejum, de orações, dia em que se pede piedade ao Senhor pela sua flagelação. Nesse tempo, Prudência, minha mulher ainda era

viva. Passei o dia no povoado entre a missa e a procissão. Uma gota de pinga não botei na boca. De tardezinha, quando venho voltando quase no breu, encontro sentado na minha varanda Absalão Cordeiro, que já tinha morrido no ano passado. Cabeça baixa, o chapéu baeta cruzado entre os dedos, os olhos de fogo e a voz assombrosa. Não tomei susto. Cheguei pra perto dele e botei o fifó na cara e indaguei:

— O que tu quer de mim?

E ele como se estivesse ainda vivo, levantou a cabeça e disse:

— Vá desenterrar uma panela de dinheiro nas Contendas para minha alma ficar livre.

Eu sempre soube que dinheiro de morto não presta, nem enriquece, vira bagaço. Eu lhe respondi:

— Você bateu na porta errada. Procure outro, pois eu não me presto para este serviço. Vou mandar celebrar uma missa por tua alma, é tudo que posso fazer por ti.

Enquanto eu falava, o vulto foi desaparecendo que não ficou sinal da passagem daquele morto em minha fazenda. Caráter não se adquire e nem se compra. A pessoa já nasce com ele. Quem tem desvio de caráter não tem doutor que dê jeito. Falo isso pro senhor porque nos nossos meios há muita gente descarada. Quando conversa com a gente não olha no nosso olho, desvia o olhar para baixo, para os lados, é falando com a gente sem encarar. Gente desavergonhada como essa eu não quero labutar. Minhas mãos têm mais calos que dia de folinha de Coração de Jesus, destas que todo dia sai um dizer, igual a almanaque antigo destes que se davam em farmácia.

Ói, moço, eu nunca vi o mar. Num sei a extensão deste cidadão. Sempre tive a vontade de um dia me esbarrar na beira de uma praia e ver o horizonte se diluindo em meus olhos. Ainda não tive esta grandeza, meus olhos só enxergaram até agora morros, montanhas, vales e rios. Mas a grandeza do Mar de Deus ainda não me deu esta graça de eu enxergar, mesmo doca de um olho. Minha vida foi tanger meus bichos, botar um roçado, plantar meia quarta de milho e feijão. E esperar que Deus mande chuva. Minha vontade era, antes de eu fechar os olhos, ver a vastidão destas águas que meu Camizãozinho faz com que ele fique mais cheio. Falo isso pro senhor porque desde eu me entendo por gente só zanzei por este trecho de minha região de Lagoa das Picas. Daí pra lá, não sei como é o mundo. E nem tenho notícias do que acontece fora de meus domínios. Nem luz elétrica e água encanada eu possuo. Vivo sozinho, jalecado, neste ermo, não ando de boca aberta esperando a morte chegar, pelo contrário, a cada amanhecer eu afugento a maldita de perto de mim. Rezo, debulho meu terço, não carrego ódio em meu coração, vivo sozinho desde que Prudência, minha mulher, se foi, e desde então vivo entre meus catres de dentro do rancho e de andrajós, vou levando nos peitos esta vida vã...

O GALO DE OURO

A Daniel Carneiro Carneiro
e João Jorge Carvalho,
dedico essa prosa jacuipense.

Pedra Retorcida

*Durante algum tempo,
hesitei abrir aquela porta.
O sentido de toda cidade
estava atado, como um nó,
lá dentro. Talvez fosse
o que jamais procurasse:
o sentido das coisas
explicada por trás das portas.
Algumas ruas também
hesitei atravessar.
Eram incansáveis e longas,
como as noites brincadas
lá fora, onde tudo mais cabia.
Em verdade,
nada procurava
além de um pequeno gole
guardado ou esquecido
por trás daquela porta verde:
sem trancas, maçanetas e levemente arranhada
com a dor de abri-la.
Os olhos esverdeados
acompanhavam a inquietação do vento
se infiltrando pela porta exilada
como quem fala: ô de casa!
(As ruas atravessam o tempo não vencido).
Aquele porta que hesitei abrir
largou mão de sua fronteira
e deu lugar a janelas
que me assombram pacientes,
até que o frio as feche novamente.
Faz frio por detrás das portas retorcidas;
o outro nos decifra,
enquanto se esconde.*

Tomei como capricho a difícil tarefa de reconstruir os passos muitas vezes tiranos dos dois condenados e também perseguir com afinco sem desanimar em busca das coordenadas da trilha que durante toda a minha vida passei a decifrar, tendo como ponto de partida algumas pistas que pelo o percurso do tempo se tornaram falsas e inúteis. Devo a minha vitória às forças da natureza e magia que foram sem dúvida os meus aliados na titânica empreitada de localizar onde se achava a cidade perdida de Nashahutê e, por conseguinte, o Galo de Ouro.

Passei minha vida como bibliotecário da Casa da Bahia, entre manuscritos, livros empoeirados e jornais do século passado. Instituição que tem na vanguarda a insigne historiadora Consuelo Pondé de Sena, irmã do saudoso amigo e jornalista Edístio Pondé de Sena, que muito jovem nos deixou de maneira abrupta. Lembro-me de Edistinho, torcedor fanático do Esporte Clube Bahia, forte, de semblante radiante, visitando-nos naquela manhã de 1972 em nossa aprazível morada. O eterno amigo quando estava com dez anos já escrevia crônicas no maior jornal de circulação do Nordeste daquela época, o jornal A Tarde, e foi-se embora de maneira bárbara deixando para trás todo um futuro promissor nas letras baianas.

Parte do que fui ganhando com o soldo do meu suor destinei à minha pesquisa na compra de equipamentos, manuais, mapas e o pagamento de guias que me levassem a achar em definitivo a minha fonte. Por trinta anos, cruzaram por meu caminho toda sorte de tipos detestáveis que me faziam confundir o norte de minhas coordenadas. Esses tipos execráveis se aproximavam imaginando que eu fosse um caçador de tesouros perdidos.

Entendiam que a minha obstinação perpassava pela trilha do portal da riqueza material. Quando eu mencionava que estava em busca de Nashautê, logo confrontavam rumos do tesouro deixado pelo patriarca Afonso Ribeiro nas terras do Salgado. E que a estátua do Galo de Ouro tornou-se o fantasma para toda aquela gente. Sabia que o pequeno galináceo fora moldado por um famoso joalheiro em Lisboa e fazia

parte da herança deixada pelos dois degredados quando aqui chegaram na frota de Pedro Álvares Cabral, na distante data de 1500, em terras de Porto Seguro. E, de fato, desde que o Galo foi enterrado nessas terras que estranhas luzes ao cair do sol são vistas no alto do platô, despertando a curiosidade e trazendo toda sorte de especulação a ponto de se fazerem vigília na suposição de que aqueles fachos brilhando na escuridão serem OVNIs em visita àquele nicho geográfico.

O Galo de Ouro existe na memória desse povo. A estátua da ave foi forjada no melhor metal de vinte um quilates, medindo cerca 47 centímetros e com olhos cravejados de diamantes, e na parte da cauda todas as penas eram cravejadas com diversos rubis vindos da Índia. Em cada esporão havia duas esmeraldas gigantes em formato de cone, que, dizem, conferem um brilho encantador aos olhos de quem teve o privilégio de admirá-las.

Foi há cerca de quinze anos, numa viagem de reconhecimento de coordenadas geográficas, que numa manhã de sol claro eu me encontrava na porta de um grande entreposto comercial que negociava com fardos de mamonas, couro e sisal, que escutei um velho com a idade aproximada de noventa anos, de chapéu de couro e baeta e um jaleco surrado, pronunciar pela primeira vez a estória do Galo de Ouro.

Esse velho de voz arrastada e tez esturricada pelo sol da caatinga se chamava Manuel Maia e conversava em tom confidencial, quase balbuciando um segredo que guardava debaixo de sete chaves para o interlocutor de nome João Bretante. Fiquei de parte a observar os carregadores com sacas de mamonas às costas no entrar e sair do armazém. Escorado na parede, em plena esquina, ouvi aquele diálogo revelador entre os dois homens.

— Soube, em Pindobaçu, que de Pedras Altas há um andarilho que está no rumo do Galo de Ouro.

Já o outro, se chegando mais próximo, indagou:

— Pelo visto, Manuel, falta bem pouco para o galo tornar-se fortuna.

O velho, então, em tom profético, anunciou:

— Desde de que eu me entendo que a procura do Galo de Ouro tem feito a ruína de muitos homens. Há a maldição, e a cada ano que o galo vem à tona, subindo dois palmos dos confins da terra, que a estampa da desgraça se apodera desses caçadores de tesouro. Você não se recorda que em 1930, pelo mesmo galo, Melquisedeque se enforcou na Quixabeira da Encruzilhada, perto do Rio do Peixe? Somente Pedro Rabada será capaz de verdadeiramente descobrir o galo das entranhas da terra. E o que se comenta por lá é que nem mesmo ele tem qualquer interesse em botar a mão nessa fortuna.

Meio sorrateiro permaneci escutando na esquina; busquei na capanga que trazia a tiracolo fumo de corda do Recôncavo e comecei a fazer um cigarro. Os dois homens se entreolharam e se despediram para o caminho da feira semanal daquela cidade. O tempo se mostrava firme, mas inexplicavelmente foram se formando nuvens no céu, foi ficando escuro, de um nublado com cor de chumbo e em poucos minutos uma trovoadas despencou, deixando todos surpresos. Eram os deuses mostrando sua face. E encharcado pela chuva, busquei abrigo dentro do armazém. Enquanto permaneci por lá, passando aquela trovoadas, estranhos diálogos escutei de um homem com porte de príncipe, que dialogava com um dos carregadores, enquanto este levava os preciosos fardos para uma carroça:

— Eu sempre soube que o Cão, por ter sido belo e poderoso, desafiou o próprio Deus, e por isso foi botado para fora do céu. Eu sempre imaginei que quem negocia com o suor alheio um dia cai em desgraça. É a lei natural do universo. Não se surrupia o que Deus deixou para que o próprio homem tanja sua história. A pedra de jaspe e sardônio será dada ao vencedor juntamente com o maná escondido. Ser-lhe-á entregue também uma pedra branca, e na pedra será gravado um nome novo, que ninguém conhece senão aquele que receber. Apresentar-se-ão aos olhos dos viventes escolhidos o cimo da jerarquia celeste, onde estão os sete espíritos de Deus e os Quatro Seres vivos cheios de olhos na frente e atrás. As suas formas evocam o que há de mais nobre, de mais robusto, de mais sábio e de mais rápido. Imersos no seio da divindade e lançando os seus olhares sempre despertados ao mundo, eles representam a ação vivificante de Deus sobre as quatro regiões da terra. O cordeiro imolado de sete chifres, o rolo de papiro, as taças de ouro cheias de perfumes também serão dadas ao vencedor. Porém, chegará uma hora em que o cavalo amarelado da peste cavalgará sobre a face da terra, e naqueles dias os homens buscarão a morte e não a conseguirão; desejarão morrer, e a morte fugirá deles.

Entendi naquele momento que aquele desabafo me levava a pensar na minha empreitada. Titubeando em meu propósito, fui ao Mercado Municipal de Tanquinho, construído no governo de João Moraes, e no meio daquele burburinho e sacas de feijão e charque tentei cooptar para que servissem como trabalhadores daquela empreitada homens robustos e fortes. O primeiro homem que contratei tinha o nome de Mário de Aquilina, e a sua profissão era goleiro. Mais adiante me encontrei com um outro homem de nome Cafum, de estatura baixa, negro, musculoso, com um sorriso desavergonhado; vivia de pinha aberta. Os homens me levaram a localizar mais dois ajudantes, ambos eram mabaços e se chamavam Manoel e Manoelito, batistas, pedreiros, de uma nobreza de caráter rara de se ver naquelas plagas.

Na cidade, fretei um carro de aluguel, que era dirigido por Beto, tocador de trombone de vara na lavagem da cidade, na banda do Biriba. Cada um dos homens foi se pondo a par da geografia do lugar e dos seus tipos. Eu verdadeiramente não estava sozinho e nem me sentia um estranho naquele ninho. Partimos na manhã seguinte para a região do Salgado, tendo que pernoitar com os homens no povoado, antes de eu me dirigir ao platô onde se avistavam as luzes. No povoado, na casa de uma velha de nome Galdina Rangel, genitora de Miguel Donato Rangel e André Donato Rangel, paramos para dormir. Essa estranha senhora foi de uma generosidade a toda prova. Cedeu-nos o armazém da farinha para que todos pudéssemos colocar os instrumentos e pernoitar. Várias esteiras de pindoba foram estendidas, um suculento mungunzá e um bom café pisado no pilão, cuscuz e beiju nos foram servidos ao acordar. Fomos tratados pela velha senhora como se nos conhecesse há longo tempo, como se eu estivesse à frente de um séquito de príncipes em viagem à Gruta de Belém. No sertão, a generosidade povoa as relações. Devido ao fato de eles sempre, diante das intempéries do tempo, necessitarem de uma espécie de mutirão, que chamam de adjutório, ficou nessa gente um sentimento de comunhão nunca visto em região nenhuma desta Bahia.

A velha Galdina Rangel nasceu nessa mesma região e já contava com cerca de oitenta e oito anos; baixinha, de tez de índia, um coque amarrado no cabelo, um vestido até os pés, de uma chita colorida, parecia mais uma rainha conduzindo seu reino. Por cerca de duas horas sentei-me no grande avarandado da sua casa, sob a luz da lua e de um bibiano a querosene. A velha senhora me contou que lidava com os

encantados da caatinga, fazia responso, e em determinadas datas do ano batia seus bebês para os santos do panteão indígena brasileiro, como a cabocla, o preto velho, o caçador, o boiadeiro. Para ela, os encantados necessitavam que a cada ano se referendassem, como num pleito de gratidão e ofertas às graças alcançadas. Disse-me que a história do galo, desde que ela era menina que os antigos moradores daquela localidade já faziam referência a esse objeto com grande temor e pânico. Aquela joia rara da ourivesaria teria sido trazida de Lisboa na nau do fidalgo e capitão-mor Pedro Álvares Cabral e surrupiada a bordo pelos condenados Nicolau Coelho e Afonso Ribeiro, mancebos degredados de Dom João Telo. Ambos estavam condenados à morte e aqui foram deixados em 1500, naquela manhã de quinta-feira, 30 de abril, após zarparem com a comitiva para a Índia em busca de especiarias para o rei Dom Manuel de Portugal. O fato é que os primeiros habitantes europeus em terras brasílicas foram esses dois homens de passado abjeto que aqui povoaram o continente, deixando uma fortuna e uma geração. Os dois degredados tomaram o caminho do norte e na região ensolarada da caatinga fincaram pouso. Da geração dos dois malfeitores só se acha viva a figura exótica de Pedro Rabada, aquele que detém o segredo do Galo de Ouro. Rabada é parente de Afonso Ribeiro, que deixou em documento escrito do próprio punho as coordenadas do sítio onde se acha localizado esse grande cabedal para seus descendentes.

Cinco séculos se passaram desde a aventura daqueles dois condenados à morte que, fugindo de sua sentença, preferiram se embrenhar naquele território desconhecido, tentando sobreviver entre animais selvagens e índios canibais e empreenderam uma longa marcha pelo interior da Bahia, até então inexplorado. A luta que empreenderam os dois condenados contra os índios paiaíás, estabelecidos que eram nessa região, fez com que erguessem paliçadas para se proteger dos temíveis silvícolas. Longas batalhas tiveram que travar os dois homens até capturarem no mato duas índias dessa tribo, a que deram o nome de Lúcia e Ana, índias essas que ficaram amarradas ao tronco durante dois anos, até virem dar à luz a duas crianças, criando assim a geração do povo do Salgado.

Foi necessário capturar mais índias para a povoação daquele sítio e, com a chegada de mais fêmeas, aquela prole foi se estendendo, e no ano de 1531 a região do Salgado já contava com cerca de trinta almas.

O condenado Afonso Ribeiro assim deixou escrito em pergaminho de couro de carneiro pirografado: *“Tomem a altura do sol ao meio-dia e achem 56°, e a sombra seja setentrional, pelo que, segundo as regras do astrolábio, julgo estar esse local afastado da equinocial por 17°, e ter por conseguinte a altura do polo antártico em 17°, segundo é manifesto nessa minha esfera científica”*. Assim se achava escrito nos documentos deixados para seus descendentes que Pedro Rabada detém esse segredo.

Da casa de d. Galdina Rangel à altura da porta da entrada de seu Pedro Rabada andamos cerca de dezoito léguas, em quatro burros, emprestados pela gentil senhora enquanto estivéssemos nessa região. Chegamos à casa de seu Pedro Rabada à boquinha da noite, quando o sol se preparava para cochilar. Fomos recebidos em meio a um grande samba de roda, sendo que à frente dos festejos se achava o patriarca daquela casa.

*Quando eu vim de lá de casa
Na seca de novecentos
Meus burros morreram tudo
Só ficou meu sendeiro jumento
E o jegue véi, por ter o osso duro
Ficou no terreiro roendo monturo.
Tenho meu jumento sendeiro
Tenho meu artifício fogueiro
Eu não me importo com isso
Fogo, jumento e artifício.*

O samba continuou com a nossa chegada. No meio da sala da casa estavam os três músicos portando cuia de cabaça, viola e pandeiro, enquanto à frente uma roda de mulheres e homens dançava ao som das chulas de Pedro Rabada. Ao lado da sala, ficava uma pequena mesa onde se via muitos copos, limão e três garrafas de cachaça que era servida por uma mulher que administrava aquela bebedeira. Fiquei de parte a observar aquela gente tão festeira. E todos que estavam ali imaginavam que eu teria vindo para também praticar aqueles festejos. Sou de natureza arredia, sisuda, de pouca fala e pouca prosa. Nada encanta os meus olhos facilmente. Parecia que eu estava numa comunidade da Costa do Benim, ou propriamente em Angola, onde a semba efusivamente é cantada por todo o país. Não havia sequer um branco dançando naquele ambiente onde nos achávamos.

Sempre acreditei que a alegria em demasia embota o caráter de qualquer ser humano. Há hora para tudo. Na terra e o que há em volta é movido por um compasso que se alteia, torna-se booliano, e por fim é de um silêncio gritante, igual ao que perpassa em meu peito povoado de esfinge. Jamais com o meu achado quero servir de pavão, como vejo alcunhar aqueles que muito se amostram. Sou calado e de minha boca nenhuma palavra vã que denigra o meu irmão ou semelhante. Aprendi no silêncio da Casa da Bahia a admirar as horas, sem o afã da ansiedade. Esperei pacientemente aquele samba se findar e aqueles homens que me acompanhavam dançarem até o amanhecer.

Quando todos haviam-se retirado daquele ambiente, me dirigi ao sr. Pedro Rabada e contei-lhe do meu intento. Disse-lhe o que mais me fustigava não era a descoberta do tesouro, mas sim os resquícios da lendária cidade de Nashauté. Ele, ainda de voz rouca pelo samba que empreendera a noite inteirinha, disse-me:

— Só mesmo um louco como você para vir de tão longe se interessar por essas coisas estranhas. O que os velhos deixaram estão aqui (e me mostrou o pergaminho), faça bom proveito se por acaso encontrar a fortuna. E se dirigiu com um filho, provavelmente o mais velho, para a beira de um açude nas proximidades de sua fazenda, para se banhar daquela empreitada noturna em que se metera. Dali em diante eu estava completamente sozinho debaixo daquele calor miserável. Só contava com a ajuda dos meus aparelhos e dos quatro homens que me acompanhavam. Fui empreendendo a marcha e, ao cair da noite, estávamos nós diante do platô. E realmente estranhas luzes desciam do alto do céu para a terra, continuamente, como se alguém estivesse a monitorar aqueles fenômenos. Marquei a distância no teodolito e pela manhã nos dirigimos para aquele local. Era um imenso vale, de caatinga espessa onde se ouvia o chocalho dos cascavéis. Era de difícil acesso o local que marquei na bússola. Pela

noite, nos arranchamos em barraca e esperamos novamente a luz surgir. Duas noites esperamos por aquela novidade. E na terceira noite, de um sábado, vimos o clarão nos cobrir como uma nave extraterrestre. Eu não tinha dúvida de que debaixo de onde estávamos se encontrava o que procurávamos. Fui buscando aquelas coordenadas geográficas que Pedro me tinha dado e marcando na bússola, e disse aos homens que começassem a cavar aquele local que determinei. Durante todo o dia não encontramos no buraco que fizemos na terra nenhum vestígio de nada. A noite caiu e eu exausto deitei-me para dormir numa barraca que armei afastado dos quatro homens. E eis que em sonho tive uma grande revelação. Estava diante de um velho de barbas longas, na entrada de uma cidade que me era desconhecida, quando vi passar um mensageiro montado num grande cavalo, o qual me abordou:

— De agora em diante tu suportarás as consequências de teus atos.

Pergunta ao ancião que ele próprio te mostrará a cidade que procuras com tanto afincio.

E, me dirigindo ao velho, indaguei:

— Onde fica Nashautê?

E o ancião, já alquebrado pelo tempo, disse-me:

— Vem que eu te mostro a cidade que tanto procuras.

Sáímos juntos percorrendo uma trilha, quase uma picada naquela mata espessa e intransponível. Vi um grande portal e uma grande muralha contornando e no qual se achava inscrito em letras góticas: *Omi okin bejá*. Parecia algo do idioma iorubá. Atravessei o portal e deparei com uma multidão de pessoas, todas fantasiadas, como se estivessem atravessando aquela grande rua com destino a um grandioso baile de máscara. Na porta de um velho palácio havia dois leões esculpidos no mármore branco, sendo que a pata direita de um deles estava assentada numa esfera semelhante a um planeta. Na janela desse casarão colonial estava uma mulher que gesticulava muito, com movimentos bruscos, que parecia estar desequilibrada. Era algo que destoava da harmonia daquela paisagem. Busquei o olhar daquela bela mulher de cabelos presos num grande pente, semelhante ao que mulheres ciganas usam, e vi que ela estava me convidando para que eu entrasse naquele casarão. Ao empurrar a enorme porta de cedro, deparei-me com a nobre senhora que já me aguardava na entrada do grande corredor com uma enorme chave na mão. Eis que ela me disse:

— Todos aqueles que buscaram conhecer nossa civilização perderam-se somente na curiosidade. Não faça dessa descoberta algo que mais tarde venha denegrir todo um passado do qual só restaram escombros e ruínas para as gerações futuras.

Confesso que fiquei temeroso durante alguns segundos. E lhe indaguei de que local seria aquela enorme chave. E a gentil senhora me disse:

— Essa chave pertence à porta do imenso baú de ferro em que se acha guardado o Galo de Ouro.

Fiquei mirando aquele enorme objeto e eis que da sala surgiu uma outra senhora, já bastante velha, com um xale preto sobre os ombros. Olhou-me com um ar inquisidor e disparou a carretilha:

— Lá se vão quinhentos anos desde que o galo foi surrupiado da Nau Capitânia, e até hoje, para desespero dos incautos, esse objeto maldito ainda consegue despertar a curiosidades de loucos. Aquele galo foi moldado com o ouro que foi também roubado de imensas jazidas em colônias, quando Portugal dominava a África. Por trás dos diamantes e esmeraldas, há um pouco de sangue daqueles que tombaram

em defesa de sua terra. Se Afonso furtou o galo, ele tinha lá seus motivos. Gatuno que rouba gatuno tem cem anos de perdão.

Temeroso, falei:

— E a senhora como se chama?

E a velha, consertando o xale, respondeu-me:

— Afonso Ribeiro foi meu avô, portanto sou neta, e Efigênia Ribeiro é a minha graça.

Despertei com um dos homens me chamando, e por alguns instantes fiquei a lembrar daquele estranho sonho. O dia se mostrava de céu claro, sem nuvens no céu. Parecia que teríamos uma jornada estafante. Começamos a preparar nosso desjejum, e após comermos iniciamos as escavações. Após três dias de sol a sol no Vale do Jacuípe, um dos instrumentos trincou em um objeto de ferro. Meu coração palpitava, e cuidadosamente fui aos poucos descobrindo aquela raridade. Tratava-se da chave que vi em sonho e que emergiu lentamente do solo calcinado e me cobriu de espanto. Fui até a barraca e procurei limpá-la com extremo cuidado. Afinal, aquela chave abriria o esperado baú de ferro onde se achava o Galo de Ouro. As escavações continuaram. À noite, quando ela descia na região, fazíamos uma grande fogueira, e ali em volta do fogo ficávamos todos a nos entreter com a história de cada um. Os mabaços Manoel e Manoelito aproveitavam sempre o horário dessas reuniões de descanso para pedir uma breve pausa e ler passagens do Livro do Cântico dos Cânticos.

Ficávamos embevecidos pela beleza daqueles cantos de núpcias e o amor humano de um homem por sua esposa, a verdadeira aliança de Deus para com seu povo. Por sorte minha, aquela expedição era composta por homens de bons propósitos. E eu me sentia seguro no meio deles, no ermo daquela caatinga. O fantasma do peculato e da cobiça não perpassava pelo universo daqueles quatro homens.

Um imenso alicerce de um grande palácio se descortinou com as nossas escavações. Foi surgindo todo um sítio que tinha um requinte de uma grande construção colonial naquele descampado. Afinal tínhamos encontrado a cidade de Nashautê. Por alguns segundos, quando se delineava aos meus olhos aquela estranha obra de engenharia, fiquei trêmulo e de coração palpitando, semelhante ao que ocorre quando se ama com ardor uma mulher e se passa muito tempo sem vê-la. Todos nós comemoramos aquele grandioso achado após quinze dias de escavações incessantes. Mas, a nossa alegria parecia castelos erguidos na areia da praia, e não demorou que Cafum, nosso valente carregador de instrumentos, caísse doente de uma noite para o dia. Pela manhã, quando todos nós despertamos para o desjejum, esse não levantou de sua barraca. E, ao me dirigir a ele, notei que queimava de febre, a ponto de delirar.

Na noite seguinte, caíram todos acometidos de febre, das mais violentas. Ainda passamos mais uma noite no meio da caatinga esperando a melhora de algum deles, mas todos os trabalhadores estavam definitivamente combalidos. Na minha bagagem havia termômetros e antitérmicos, mas a febre não cedia aos medicamentos que lhes prescrevia. Estávamos num mato sem cachorro, no ermo do tempo, descobertos e sem ação. Esperamos cinco dias para que aqueles sintomas desaparecessem dos homens e, para nossa desgraça, o fantasma tinha em definitivo surgido naquelas plagas. Todos os homens estavam com enormes bubões na virilha, a peste tinha-se alastrado de maneira violenta. Nessa região, eu havia esquecido que esse tipo de epidemia é frequente devido ao clima e à proliferação de ratos silvestres. Numa das noites ao pé da fogueira, um dos homens chegou a comentar que num passado remoto uma terrível

epidemia de peste havia-se alastrado por toda a região. Já não havia mais para quem apelar e o desenrolar dos acontecimentos caminhava para o agravamento do quadro. Então, selei um dos animais e na mesma noite bati em retirada em busca de ajuda. Pelo caminho de estrelas fosforescentes no céu claro de agosto, cheguei a recordar a passagem no Livro Sagrado de Samuel I, no capítulo 6º, em que dizia: *"Esteve a arca do Senhor na terra dos filisteus sete meses. Estes convocaram os seus sacerdotes e adivinhos e perguntaram-lhe: 'Que faremos da arca do Senhor? Dizei-nos como havemos de a remeter ao seu lugar.' Eles responderam: 'Se devolveis a arca do Deus de Israel, não a mandeis vazia, mas juntai a ela uma oferta expiatória. Se fordes curados, sabereis então porque sua mão não cessou de pesar sobre vós'. 'Que oferta expiatória', perguntaram eles, 'devemos fazer?' Responderam: 'Cinco tumores de ouro e cinco ratos de ouro, conforme o número dos príncipes dos filisteus, porque foi esta a praga que vos feriu a vós e aos vossos príncipes. Fazei, pois, figuras de vossos tumores e figuras de ratos que devastam a terra. Dai assim glória ao Deus de Israel; talvez retire ele a sua mão de cima de vós, de vosso deus e de vossa terra. Por que endureceis os vossos corações como os egípcios e o Faraó? Colocarei no carro a arca do Senhor, juntamente com um cofre, no qual poreis os objetos de ouro que ofereceis como expiação; depois a deixai partir. Segui com os olhos: se ela subir pelo caminho de sua terra, para as bandas de Bet-Sames, é o Senhor quem nos enviou esta praga; do contrário, conheceremos que não foi a sua mão que nos feriu, mas que tudo isto foi um simples acidente.'"*

A residência de Pedro Rabada ficava distante do acampamento, mas mesmo assim foi em seu rancho que busquei a primeira ajuda. A noite já ia alta quando risquei com o animal no terreiro da porta. Lá dentro todos estavam a dormir. Chamei pelo dono da casa, e no escuro vi um bibiano sendo aceso. Logo a porta se abriu e Pedro, enrolado numa coberta, perguntou se era de paz. relatei o acontecido e lhe pedi que fosse à cidade buscar um médico para os doentes. Em seguida, retornei ao local do acampamento naquela mesma noite. O animal que me transportava parecia ter asas nas patas. Tudo para mim estava nebuloso. Os acontecimentos foram se sucedendo, um a um, como se eu não tivesse controle da situação. Ao desembarcar no acampamento, encontrei os homens que estavam a gemer diante de fortes dores e pareciam estar possuídos por uma estranha entidade. Nenhum deles me reconheceu, todos estavam a delirar continuamente numa sucessão de gritos de penúria. Pelo resto da noite, estranhas luzes sobrevoavam o local onde estávamos acampados. Aquele imenso clarão deixava o local com a aparência de um dia tamanho. Ninguém ficou em pânico, pois já estava ficando corriqueira aquela esquisitice nos velando do alto dos céus.

Quando verdadeiramente as luzes se foram, o dia já se mostrava claro. Tratei de buscar lenha para fazer o fogo e preparar o desjejum. Os homens se mostravam silenciosos, e intrigado daquela situação fui a cada barraca ver em que estado se encontravam todos. E a surpresa se estampou diante de meus olhos: todos amanheceram mortos. Estavam ali de corpos rígidos e tesos, com o semblante da morte dominando os quatro homens inocentes que induzi a se encontrarem com o cavaleiro da foice. Nada mais restava a fazer, toda a minha empreitada fora em vão. Tinha descoberto os alicerces da cidade perdida, faltava pouco para encontrar o Galo de Ouro, mas a peste dominava tudo. Estava verdadeiramente derrotado, nada mais me seduzia a ficar naquele ermo, parecia que a maldição que tanto Pedro Rabada havia vaticinado

tinha de fato calhado. Tive medo. Busquei coragem na minha mochila, procurando a velha pistola calibre 380. Não a encontrei.

Retirei-me do local com a rapidez do vento. Fiz uma jura: selaria meus lábios e dali em diante nada mais falaria sobre o assunto. Aqueles que quiserem um dia se interessar em descobrir o Galo de Ouro que o façam. Para mim a história está encerrada.

NAQUELE DIA EU VI O DIABO DE PERTO

Para Pedro Vianna e Éric Meyleuc,
poetas ternos em meu coração de menino.

Caminhava aquele ano tenebroso, e a cidade que abracei como pátria acordava sob morteiros. O meu leito, que dividia com algumas mulheres e que eu imaginava parecer incólume às bombas alemãs, sacolejava. Contudo, as janelas do quarto de dormir permaneciam fechadas por todo o longo dia.

Minha irmã já estava morta e, em meio aos escombros da cidade, desfilava o Marechal Philippe Pétain, repleto de sacos de presentes comprados no Magasin Printemps. Parecia Satã com sua arrogância. Eu buscava meu povo entre os morteiros. Meu irmão caçula, Cícero Dias, que era pintor em Paris, simpatizante do Partido Comunista, tinha fugido na véspera da invasão para Portugal, numa difícil missão de entregar ao secretário do embaixador, Mr. Marshall, o poema “Liberdade”, de Paul Éluard, para que o poeta inglês Rolland Penthouse o traduzisse em sua língua. Contudo, ele teve a precaução de riscar a palavra “liberté” da cópia do poema, para que, caso ele fosse pegado, não caísse no pelotão de fuzilamento entre os alemães. Mas o poema “Liberté”, de Paul Éluard, chegou a seu destino e foi impresso em milhares de panfletos e jogado sobre as tropas aliadas no “front”.

Minha família na Europa se movimentava solidária contra o monstro do Apocalipse. Havia muitos mortos estendidos pelas ruas, e entre eles eu vi um cidadão francês idoso, crivado de projéteis, que no peito guardava um escapulário com a estampa de Nossa Senhora do Carmo e Coração de Jesus, amarrotado de cinzas e terra. Apanhei-o e coloquei sobre meu peito. Estava atônito diante de tantas atrocidades. Um menino de apenas sete anos, que fugia de um palácio nas imediações do Boulevard du Montparnasse, com um semblante de anjo assustado, buscou abrigo junto a mim. A sanha assassina dos soldados nazistas não poupava sequer os inocentes. Que dizer de mim, judeu marradino, exilado de minha pátria, naquela terra distante...

Nos subterrâneos da linha de esgoto, busquei junto com o pequeno infante um meio de nos proteger. Fazia daquele local um abrigo seguro, semelhante

às primeiras catacumbas. Em Roma, no tempo do imperador Nero, os primeiros cristãos se reuniam, fugindo da perseguição do tirano louco. Nós também buscávamos nos proteger daquelas bestas que encarnavam o Apocalipse. O som ensurdecedor dos tanques e do marchar dos soldados sob o solo francês me trazia pânico e medo. Eu via a morte tão próxima que, se fechasse o olho, já me sentia do outro lado, em companhia dos defuntos.

Eu era apenas um poeta brasileiro fugindo das atrocidades do regime de Getúlio Vargas, e encontrei na capital francesa meu verdadeiro paraíso. Escapei das garras do DOPS e da polícia secreta de Filinto Müller, que me caçavam como a um condenado. Atravessei a fronteira do Rio Grande, indo parar na Argentina, onde de lá peguei um pacote em direção à Europa. Muitos companheiros que trabalhavam comigo na redação do jornal e não quiseram dizer quem eram os membros da célula comunista, a qual pertencíamos, acabaram sendo torturados e mortos. Durante o período em que vivi em Paris, trabalhei fazendo pequenos biscates. Ora me tornava pintor de paredes de apartamentos, ora trabalhava como acompanhante de idosos. No território francês, também vivi na ilegalidade, fugindo das revistas dos policiais, que exigiam “*papier, papier*” pelos corredores do metrô.

Sou um sujeito de compleição física avantajada e posso muito bem ser confundido com um imigrante argelino, pela cor de minha pele e o modo como me visto. Durante cerca de seis anos fiquei sem notícias de meus parentes na América do Sul. Evitava me comunicar com eles para que a polícia secreta do ditador não pudesse me localizar. Essa estratégia de sobrevivência me colocava livre das garras do carnicero, e assim também eu evitava que meus familiares que ficaram no Brasil fossem perseguidos.

Em 1936, eu já estava na Europa, e através de uma notícia do Brasil soube que um grupo de vinte e dois companheiros da organização humanitária Brazkor, que acolhia judeus no território brasileiro, foram expulsos do meu país e embarcados no navio “Bagé”, tendo como comandante Amaury de Bustamante Fontoura, com destino ao porto de Hamburgo. Me dirigi da capital francesa para o referido porto, e lá os estivadores franceses do porto do Havre, quando o navio lá atracou, de passagem para Hamburgo, avisados por membros do PCB, estavam mobilizados para dar liberdade aos expulsos. Por precaução, o dito comandante pediu garantias à polícia do porto. Ao saber disso, os estivadores declararam greve. O comandante comunicou-se com o cônsul brasileiro e este repassou a informação ao embaixador Souza Dantas, em Paris. Do contato das autoridades brasileiras e francesas foi resolvido o desembarque dos comunistas sob a responsabilidade das autoridades locais, os quais seriam encaminhados por terra à fronteira Suíça.

Em Paris, quando eclodiu a batalha, eu fui para as ruas defender o povo e o solo francês. Por três dias e três noites, lutamos contra a tirania e a barbárie que queriam se instalar na terra de Danton, Marat e Robespierre. Quando a batalha acabou, eu tinha cumprido minha missão. Vi tremular na Torre Eiffel o pavilhão nacional francês: o solo francês estava livre do jugo alemão.

“*Paris está em chamas?*” Esta teria sido a pergunta feita por Hitler ao general von Choltitz, durante uma ligação telefônica. O general, todavia, não queimou Paris e rendeu-se ao coronel Rol-Tanguy (da FFI) e ao general Leclerc (FFL), às 16 horas do dia 25 de agosto de 1944. As perdas alemãs chegaram a 3.200 mortos e 12 mil prisioneiros. Os franceses tiveram mil soldados mortos e uns 600

civis abatidos nas ruas de Paris. Os feridos chegaram a 3.500. Os anglo-saxões, que também entraram na cidade para combater os nazistas, tiveram 130 mortos e 319 feridos. No total, a batalha de Paris custou a vida de cerca de 5.000 civis e militares, de ambos os lados.